



Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!
Quem me dera que se gravassem num livro!"

16 19:23

Literatura



Martins Pena

O inglês maquinista



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

Os Dois
Ou "*O inglês maquinista*"
Martins Pena

Atualização ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

Publicado originalmente em 1871.

Livro Digital nº 847 - 1ª Edição - São Paulo, 2017.

Teatro - Literatura Brasileira.

Luís Carlos Martins Pena
(1815 - 1848)



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem quaisquer critérios. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

OS DOIS
OU "O INGLÊS MAQUINISTA"
COMÉDIA EM UM ATO



PERSONAGENS:

CLEMÊNCIA

MARIQUINHA (sua filha)

JÚLIA (irmã de Mariquinha, 10 anos)

FELÍCIO (sobrinho de Clemência)

GAINER (inglês)

NEGREIRO (negociante de negros novos)

EUFRÁSIA

CECÍLIA (sua filha)

JUCA (irmão de Cecília)

JOÃO DO AMARAL (marido de Eufrásia)

ALBERTO (marido de Clemência)

Moços e moças.

A Cena passa-se no Rio de Janeiro, no ano de 1842.

TRAJOS PARA AS PERSONAGENS:

CLEMÊNCIA – Vestido de chita rosa, lenço de seda preto, sapatos pretos e penteado de tranças.

MARIQUINHA – Vestido branco de escócia, de mangas justas, sapatos pretos, penteado de bandó e uma rosa natural no cabelo.

JÚLIA – Vestido branco de mangas compridas e afogado, avental verde e os cabelos caídos em cachos pelas costas.

NEGREIRO – Calças brancas sem presilhas, um pouco curtas, colete preto, casaca azul com botões amarelos lisos, chapéu de castor branco, guarda-sol encarnado, cabelos arrepiados e suíças pelas faces até junto dos olhos.

FELÍCIO – Calças de casimira cor de flor de alecrim, colete branco, sobrecasaca, botins envernizados, chapéu preto, luvas brancas, gravata de seda de cor, alfinete de peito, cabelos compridos e suíças inteiras.

GAINER – Calças de casimira de cor, casaca, colete, gravata preta, chapéu branco de copa baixa e abas largas, luvas brancas, cabelos louros e suíças até o meio das faces.

ATO ÚNICO

O teatro representa uma sala. No fundo, porta de entrada; à esquerda, duas janelas de sacadas, e à direita, duas portas que dão para o interior. Todas as portas e janelas terão cortinas de cassa branca. À direita, entre as duas portas, um sofá, cadeiras, uma mesa redonda com um candeeiro francês aceso, duas jarras com flores naturais, alguns bonecos de porcelana; à esquerda, entre as janelas, mesas pequenas com castiçais de mangas de vidro e jarras com flores. Cadeiras pelos vazios das paredes. Todos estes móveis devem ser ricos.

CENA I

Clemência, Negreiro, Mariquinha, Felício. Ao levantar o pano, ver-se-á Clemência e Mariquinha sentadas no sofá; em uma cadeira junto destas Negreiro, e recostado sobre a mesa Felício que lê o Jornal do Comércio e levanta às vezes os olhos, como observando a Negreiro.

CLEMÊNCIA

Muito custa viver-se no Rio de Janeiro! É tudo tão caro!

NEGREIRO

Mas o que quer a senhora em suma? Os direitos são tão sobrecarregados! Veja só os gêneros de primeira necessidade. Quanto pagam? O vinho, por exemplo, cinquenta por cento!

CLEMÊNCIA

Boto as mãos na cabeça todas às vezes que recebo as contas do armazém e da loja de fazendas.

NEGREIRO

Porém as mais puxadinhas são as das modistas, não é assim?

CLEMÊNCIA

Nisto não se fala! Na última que recebi vieram dois vestidos que já tinha pago, um que não tinha mandado fazer, e uma quantidade tal de linhas, colchetes, cadarços e retorses, que fazia horror.

FELÍCIO (*largando o Jornal sobre a mesa com impaciência*)

Irra, já aborrece!

CLEMÊNCIA

O que é?

FELÍCIO

Todas as vezes que pego neste jornal, a primeira coisa que vejo é: “Chapas medicinais e Unguento Durand”. Que embirração!

NEGREIRO (*rindo-se*)

Oh, oh, oh!

CLEMÊNCIA

Tens razão, eu mesmo já fiz este reparo.

NEGREIRO

As pílulas vegetais não ficam atrás, oh, oh, oh!

CLEMÊNCIA

Por mim, se não fossem os folhetins, não lia o Jornal. O último era bem bonito; o senhor não leu?

NEGREIRO

Eu? Nada. Não gasto o meu tempo com essas ninharias, que são só boas para as moças.

VOZ *(na rua)*

Manuê quentinho!

(Entra Júlia pela direita, correndo)

CLEMÊNCIA

Aonde vai, aonde vai?

JÚLIA *(parando no meio da sala)*

Vou chamar o preto dos manuês.

CLEMÊNCIA

E pra isso precisa correr? Vá, mas não caia.

(Júlia vai para janela e chama para rua dando psius)

NEGREIRO

A pecurrucha gosta dos doces.

JÚLIA *(da janela)*

Sim, aí mesmo.

(Sai da janela e vai para a porta, aonde momentos depois chega um preto com um tabuleiro com manuês, e descansando-o no chão, vende-os a Júlia. Os demais continuam a conversar)

FELÍCIO

Senhor Negreiro, a quem pertence o brigue Veloz Espadarte, aprisionado ontem junto quase da Fortaleza de Santa Cruz pelo cruzeiro inglês, por ter a seu bordo trezentos africanos?

NEGREIRO

A um pobre diabo que está quase maluco... Mas é bem feito, para não ser tolo. Quem é que neste tempo manda entrar pela barra um navio com semelhante cargação? Só um pedaço de asno. Há por aí além uma costa tão longa e algumas autoridades tão condescendentes!...

FELÍCIO

Condescendentes porque se esquecem de seu dever!

NEGREIRO

Dever? Perdoe que lhe diga: ainda está muito moço... Ora, suponha que chega um navio carregado de africanos e deriva em uma dessas praias, e que o capitão vai dar disso parte ao juiz do lugar. O que há de este fazer, se for homem cordato e de juízo? Responder do modo seguinte: Sim senhor, senhor capitão, pode contar com a minha proteção, contanto que vossa senhoria... Não sei se me entende? Suponha agora que este juiz é um homem esturrado, destes que não sabem aonde têm a cara e que vivem no mundo por ver os outros viverem, e que ouvindo o capitão, responda-lhe com quatro pedras na mão: Não senhor, não consinto! Isto é uma infame infração da lei e o senhor insulta-me fazendo semelhante proposta! – E que depois deste aranzel de asneiras pega na pena e oficie ao Governo. O que lhe acontece? Responda.

FELÍCIO

Acontece o ficar na conta de íntegro juiz e homem de bem.

NEGREIRO

Engana-se; fica na conta de pobre, que é menos que pouca coisa. E no entanto vão os negrinhos para um depósito, a fim de serem ao depois distribuídos por aqueles de quem mais se depende, ou que têm maiores empenhos. Calemo-nos, porem, que isto vai longe.

FELÍCIO

Tem razão! (*Passa pela sala*)

NEGREIRO (*para Clemência*)

Daqui a alguns anos mais falará de

outro modo.

CLEMÊNCIA

Deixe-o falar. A propósito, já lhe mostrei o meu meia-cara, que recebi ontem na Casa da Correção?

NEGREIRO

Pois recebeu um?

CLEMÊNCIA

Recebi, sim. Empenhei-me com minha comadre, minha comadre empenhou-se com a mulher do desembargador, a mulher do desembargador pediu ao marido, este pediu a um deputado, o deputado ao ministro e fui servida.

NEGREIRO

Oh, oh, chama-se isto transação! Oh, oh!

CLEMÊNCIA

Seja lá o que for; agora que tenho em casa, ninguém mo arrancará. Morrendo-me algum outro escravo, digo que foi ele.

FELÍCIO

E minha tia precisava deste escravo, tendo já tantos?

CLEMÊNCIA

Tantos? Quanto mais, melhor. Ainda eu tomei um só. E os que tomam aos vinte e aos trinta? Deixa-te disso, rapaz. Venha vê-lo, Sr. Negreiro.

(*Saem*)

CENA II

Felício e Mariquinha.

FELÍCIO

Ouviste, prima, como pensa este homem com quem tua mãe pretende casar-te?

MARIQUINHA

Casar-me com ele? Oh, não, morrerei antes!

FELÍCIO

No entanto é um casamento vantajoso. Ele é imensamente rico... Atropelando as leis, é verdade; mas que importa? Quando fores sua mulher...

MARIQUINHA

E é você quem me diz isto? Quem me faz essa injustiça? Assim são os homens, sempre ingratos!

FELÍCIO

Meu amor, perdoa. O temor de perder-te faz-me injusto.

Bem sabes quanto eu te adoro; mas tu és rica, e eu um pobre empregado público; e tua mãe jamais consentirá em nosso casamento, pois supõe fazer-te feliz dando-te um marido rico.

MARIQUINHA

Meu Deus!

FELÍCIO

Tão bela e tão sensível como és, seres a esposa de um homem para quem o dinheiro é tudo! Ah, não, ele terá ainda que lutar comigo! Se supõe que a fortuna que tem adquirido com o contrabando de africanos há de tudo vencer, engana-se! A inteligência e o ardil às vezes podem mais que a riqueza.

MARIQUINHA

O que pode você fazer? Seremos sempre infelizes.

FELÍCIO

Talvez que não. Sei que a empresa é difícil. Se ele te amasse, ser-me-ia mais fácil afastá-lo de ti; porém ele ama o teu dote, e desta qualidade de gente arrancar um vintém é o mesmo que arrancar a alma do corpo... Mas não importa.

MARIQUINHA

Não vá você fazer alguma coisa com que mamã se zangue e fique mal com você...

FELÍCIO

Não, descansa. A luta há de ser longa, pois que não é este o único inimigo. As assiduidades daquele maldito Gainer já também inquietam-me. Veremos... E se for preciso... Mas não; eles se entredestruirão; o meu plano não pode falhar.

MARIQUINHA

Veja o que faz. Eu lhe amo, não me envergonho de o dizer; porém se for preciso para nossa união que você faça alguma ação que...
(*Hesita*)

FELÍCIO

Compreendo o que queres dizer... Tranquiliza-te.

JÚLIA (*entrando*)

Mana, mamã chama.

MARIQUINHA

Já vou. Tuas palavras animaram-me.

JÚLIA

Ande, mana.

MARIQUINHA

Que impertinência! (*Para Felício, à parte*) Logo conversaremos...

FELÍCIO

Sim, e não te aflijas mais, que tudo se arranjará.

(Saem Mariquinha e Júlia)

CENA III

FELÍCIO *(só)*

Quanto eu a amo! Dois rivais! Um negociante de meia-cara e um especulador... Belo par, na verdade! Ânimo! Comecem-se hoje as hostilidades. Veremos, meus senhores, veremos! Um de vós sairá corrido desta casa pelo outro, e um só ficará para mim – se ficar...

(Entra mister Gainer)

CENA IV

Felício e Gainer.

GAINER

Viva, senhor.

FELÍCIO

Oh, um seu venerador...

GAINER

Passa bem? Estima muito. Senhora dona Clemência foi passear?

FELÍCIO

Não senhor, está lá dentro. Queria alguma coisa?

GAINER

Coisa não; vem fazer minhas cumprimentos.

FELÍCIO

Não pode tardar. (*À parte*) Principie-se. (*Para Gainer*) Sinto muito dizer-lhe que... Mas chega minha tia. (*À parte*) Em outra ocasião...

GAINER

Senhor, que sente?

CENA V

Entra D. Clemência, Mariquinha, Júlia e Negreiro.

D. CLEMÊNCIA (*entrando*)

Estou contente com ele. Oh, o Sr. Gainer por cá!

(*Cumprimentam-se*)

GAINER

Vem fazer meu visita.

D. CLEMÊNCIA

Muito obrigada. Há dias que o não vejo.

GAINER

Tenha estado muita ocupado.

NEGREIRO (*com ironia*)

Sem dúvida com algum projeto?

GAINER

Sim. Estou redigindo uma requerimento para as deputados.

NEGREIRO e CLEMÊNCIA

Oh!

FELÍCIO

Sem indiscrição: Não poderemos saber...

GAINER

Pois não! Eu peça na requerimento uma privilégio por trinta anos para fazer açúcar de osso.

TODOS

Açúcar de osso!

NEGREIRO

Isto deve ser bom! Oh, oh, oh!

CLEMÊNCIA

Mas como é isto?

FELÍCIO (*à parte*)

Velhaco!

GAINER

Eu explica e mostra... Até nesta tempo não se tem feito caso das osso, estruindo-se grande quantidade delas, e eu agora faz desses osso açúcar superfina...

FELÍCIO

Desta vez desacreditam-se as canas.

NEGREIRO

Continue, continue.

GAINER

Nenhuma pessoa mais planta cana quando souberem minha método.

CLEMÊNCIA

Mas os ossos plantam-se?

GAINER (*meio desconfiado*)

Não senhor.

FELÍCIO

Ah, percebo! Espremem-se.

(Gainer fica indignado)

JÚLIA

Quem é que pode espremer osso? Oh!

(Félicio e Mariquinha riem-se)

CENA VI

EUFRÁSIA *(na porta do fundo)*

Dá licença, comadre?

CLEMÊNCIA

Oh, comadre, pode entrar! *(Clemência e Mariquinha encaminham-se para a porta, assim como Félicio; Gainer fica no meio da sala. Entram Eufrásia, Cecília, João do Amaral, um menino de dez anos, uma negra com uma criança no colo e um moleque vestido de calça e jaqueta e chapéu de oleado. Clemência, abraçando Eufrásia)* Como tem passado?

EUFRÁSIA

Assim, assim.

CLEMÊNCIA

Ora esta, comadre!

JOÃO DO AMARAL

Senhora D. Clemência?

CLEMÊNCIA

Senhor João, viva! Como está?

MARIQUINHA *(para Cecília, abraçando e dando beijo)*

Há quanto tempo!

CECÍLIA

Você passa bem?

(Todos cumprimentam-se. Felício aperta a mão de João do Amaral, corteja as senhoras. João do Amaral corteja a Mariquinha)

CLEMÊNCIA

Venham-se assentar.

EUFRÁSIA

Nós nos demoraremos pouco.

CLEMÊNCIA

É que faltava.

MARIQUINHA *(pegando na criança)*

O Lulu como está bonito! *(Cobre-o de beijo)*

CLEMÊNCIA *(chegando-se para ver)*

Coitadinho, coitadinho! *(Fazendo-lhe festas)* Psiu, psiu, negrinho!
Como é galante!

EUFRÁSIA

Tem andado muito rabugento com a disenteria dos dentes.

MARIQUINHA

Pobrezinho! Psiu, psiu, bonito!

(Mariquinha toma a criança da negra)

EUFRÁSIA

Olhe que não lhe faça alguma desfeita!

MARIQUINHA

Não faz mal.

(Mariquinha leva a criança para junto do candeeiro e, mostrando-lhe a luz, brinca com ele ad libitum)

CLEMÊNCIA

Descanse um pouco, comadre.

(Puxa-lhe pela saia para junto do sofá)

JOÃO DO AMARAL

Não podemos ficar muito tempo.

CLEMÊNCIA

Já o senhor principia com suas impertinências. Assentem-se.

(Clemência e Eufrásia assentam-se no sofá; João do Amaral, Felício, Gainer e o menino, nas cadeiras; Cecília e Júlia ficam em pé junto de Mariquinha, que brinca com a criança)

EUFRÁSIA *(assentando-se)*

Ai, estou cansada de subir suas escadas!

CLEMÊNCIA

Pois passe a noite comigo e faça a outra visita amanhã.

JOÃO DO AMARAL

Não pode ser.

CLEMÊNCIA

Deixe-se disso. *(Batendo palmas)* Ó lá de dentro?

JOÃO DO AMARAL

Desculpe-me, tenha paciência.

EUFRÁSIA

Não, comadre.

(Chega um pajem pardo à porta)

CLEMÊNCIA

Aprontem o chá depressa.

(Sai o pajem)

JOÃO DO AMARAL

Não pode ser, muito obrigado.

FELÍCIO

Aonde vai com tanta pressa, minha senhora?

EUFRÁSIA

Nós?

JOÃO DO AMARAL *(para Felício)*

Um pequeno negócio.

EUFRÁSIA

Vamos à casa de D. Rita.

CLEMÊNCIA

Deixe-se de D. Rita. Que vai lá fazer?

EUFRÁSIA

Vamos pedir a ela para falar à mulher do ministro.

CLEMÊNCIA

Pra quê?

EUFRÁSIA

Nós ontem ouvimos dizer que se ia criar uma repartição nova e queria ver se arranjavamos um lugar pra João.

CLEMÊNCIA

Ah, já não ateimo.

FELÍCIO (*para João*)

Estimarei muito que seja atendido; é justiça que lhe fazem.

EUFRÁSIA

O senhor diz bem.

JOÃO DO AMARAL

Sou empregado de repartição extinta; assim, é justo que me empreguem. Até mesmo é economia.

GAINER

Economia sim!

JOÃO DO AMARAL (*para Ganier*)

Há muito tempo que me deviam ter empregado, mas enfim...

CLEMÊNCIA

Não se vê senão injustiças.

EUFRÁSIA

Comadre, passando de uma coisa pra outra: a costureira esteve cá hoje?

CLEMÊNCIA

Esteve e me trouxe os vestidos novos.

EUFRÁSIA

Mande buscar.

CECÍLIA

Sim, sim, mande-os buscar, madrinha.

CLEMÊNCIA (*batendo palmas*)

Pulquéria? (*Dentro, uma voz*) Senhora? Vem cá.

CECÍLIA (*para Mariquinha*)

Quantos vestidos novos você mandou fazer?

MARIQUINHA E CLEMÊNCIA

Dois.

(Entra uma rapariga)

CLEMÊNCIA

Vai lá dentro no meu quarto de vestir, dentro do guarda-fato à direita, tira os vestidos novos que vieram hoje. Olha, não machuque os outros. Vai, anda.

(Sai a rapariga)

CECÍLIA *(para Mariquinha)*

De que moda mandou fazer os vestidos?

MARIQUINHA

Diferentes e... Ora, ora, Lulu, que logro!

EUFRÁSIA e CECÍLIA

O que foi?

MARIQUINHA

Mijou-me toda!

EUFRÁSIA

Não lhe disse?

(Os mais riem-se)

MARIQUINHA

Marotinho!

EUFRÁSIA

Rosa, pega no menino.

CECÍLIA

Eu já não gosto de pegar nele por isso.

(A preta toma o menino e Mariquinha fica sacudindo o vestido)

JOÃO DO AMARAL

Foi boa peça!

MARIQUINHA

Não faz mal.

(Entra a rapariga com quatro vestidos e entrega a Clemência)

JOÃO DO AMARAL *(para Felício)*

Temos maçada!

FELÍCIO

Estão as senhoras no seu geral.

CLEMÊNCIA *(mostrando os vestidos)*

Olhe.

(As quatro senhoras ajuntam-se à roda dos vestidos e examinam ora um, ora outro; a rapariga fica em pé na porta; o menino bole em tudo quanto acha e trepa nas cadeiras para bulir com os vidros; Felício e Gainer levantam-se e passeiam de braço dado pela sala, conversando. As quatro senhoras quase que falam ao mesmo tempo)

CECÍLIA

Esta chita é bonita.

EUFRÁSIA

Olhe este riscadinho, menina!

CLEMÊNCIA

Pois custou bem barato; comprei à porta.

CECÍLIA

Que feitio tão elegante! Este é seu, não é?

MARIQUINHA

É, eu mesmo é que dei o molde.

CLEMÊNCIA

São todos diferentes. Este é de costa lisa, e este não.

CECÍLIA

Este há de ficar bem.

CLEMÊNCIA

Muito bem. É uma luva.

MARIQUINHA

Já viu o feitio desta manga?

CECÍLIA

É verdade, como é bonita! Olhe, minha mãe.

EUFRÁSIA

São de pregas enviesadas. (*Para o menino*) Menino, fique quieto.

MARIQUINHA

Este cabeção fica muito bem.

CECÍLIA

Tenho um assim.

EUFRÁSIA

Que roda!

MARIQUINHA

Assim é que eu gosto.

CLEMÊNCIA

E não levou muito caro.

EUFRÁSIA

Quanto? (*Para o menino*) Juca, desce daí.

CLEMÊNCIA

A três mil-réis.

EUFRÁSIA

Não é caro.

CECÍLIA

Parece seda esta chita. (*Para o menino*) Juquinha, mamã já disse que fique quieto.

CLEMÊNCIA

A Merenciana está cortando muito bem.

EUFRÁSIA

É assim.

CECÍLIA

Já não mandam fazer mais na casa das francesas?

MARIQUINHA

Mandamos só os de seda.

CLEMÊNCIA

Não vale a pena mandar fazer vestidos de chita pelas francesas; pedem sempre tanto dinheiro! (*Esta Cena deve ser toda muito viva. Ouve-se dentro bulha como de louça que se quebra*) O que é isto lá dentro?

VOZ LÁ DE DENTRO

Não é nada, não senhora)

CLEMÊNCIA

Nada? O que é que se quebrou lá dentro? Negras!

VOZ LÁ DE DENTRO

Foi o cachorro.

CLEMÊNCIA

Estas minhas negras!... Com licença. (*Sai*)

EUFRÁSIA

É tão descuidada esta nossa gente!

JOÃO DO AMARAL

É preciso ter paciência. (*Ouve-se dentro bulha como de bofetadas e chicotadas*) Aquela pagou caro...

EUFRÁSIA (*gritando*)

Comadre, não se aflija.

JOÃO DO AMARAL

Se assim não fizer, nada tem.

EUFRÁSIA

Basta, comadre, perdoe por esta. (*Cessam as chicotadas*) Estes nossos escravos fazem-nos criar cabelos brancos.

(*Entra Clemência arranjando o lenço do pescoço e muito esfogueada*)

CLEMÊNCIA

Os senhores desculpem, mas não se pode... (*Assenta-se e toma respiração*) Ora veja só! Foram aquelas desavergonhadas deixar mesmo na beira da mesa a salva com os copos pra o cachorro dar com tudo no chão! Mas pagou-me!

EUFRÁSIA

Lá por casa é a mesma coisa. Ainda ontem a pamonha da minha Joana quebrou duas xícaras.

CLEMÊNCIA

Fazem-me perder a paciência. Ao menos as suas não são tão mandrionas.

EUFRÁSIA

Não são? Xi! Se eu lhe contar não há de crer. Ontem, todo o santo dia a Mônica levou a ensaboar quatro camisas do João.

CLEMÊNCIA

É porque não as esfrega.

EUFRÁSIA

É o que a comadre pensa.

CLEMÊNCIA

Eu não gosto de dar pancadas. Porém, deixemo-nos disso agora. A comadre ainda não viu o meu africano?

EUFRÁSIA

Não. Pois teve um?

CLEMÊNCIA

Tive; venham ver. (*Levantam-se*) Deixe os vestidos aí que a rapariga vem buscar. Felício, dize ao senhor mister que se quiser entrar não faça cerimônia.

GAINER

Muito obrigada.

CLEMÊNCIA

Então, com sua licença.

EUFRÁSIA (*para a preta*)

Traz o menino.

(*Saem Clemência, Eufrásia, Mariquinha, Cecília, João do Amaral, Júlia, o menino, a preta e o moleque*)

CENA VII
Felício e Gainer.

FELÍCIO

Estou admirado! Excelente ideia! Bela e admirável máquina!

GAINER (*contente*)

Admirável, sim.

FELÍCIO

Deve dar muito interesse.

GAINER

Muita interesse o fabricante. Quando esta máquina tiver acabada, não precisa mais de cozinheiro, de sapateira e de outras muitas ofícias.

FELÍCIO

Então a máquina supre todos estes ofícios?

GAINER

Oh, sim! Eu bota a máquina aqui no meio da sala, manda vir um boi, bota a boi na buraco da maquine e depois de meia hora sai por outra banda da maquine tudo já feita.

FELÍCIO

Mas explique-me bem isto.

GAINER

Olha. A carne do boi sai feita em beef, em roast-beef, em fricandó e outras muitas; do couro sai sapatas, botas...

FELÍCIO (*com muita seriedade*)

Envernizadas?

GAINER

Sim, também pode ser. Das chifres sai bocetas, pentes e cabo de faca; das ossas sai marcas...

FELÍCIO (*no mesmo*)

Boa ocasião para aproveitar os ossos para o seu açúcar.

GAINER

Sim, sim, também sai açúcar, balas da Porto e amêndoas.

FELÍCIO

Que prodígio! Estou maravilhado! Quando pretende fazer trabalhar a máquina?

GAINER

Conforme; falta ainda alguma dinheira. Eu queria fazer uma empréstima. Se o senhor quer fazer seu capital render cinquenta por cento dá a mim para acabar a máquina, que trabalha depois por nossa conta.

FELÍCIO (*à parte*)

Assim era eu tolo... (*Para Gainer*) Não sabe quanto sinto não ter dinheiro disponível. Que bela ocasião de triplicar, quadruplicar, quintuplicar, que digo, centuplicar o meu capital em pouco! Ah!

GAINER (*à parte*)

Destes tolas eu quero muito.

FELÍCIO

Mas veja como os homens são maus. Chamarem ao senhor, que é o homem o mais filantrópico e desinteressado e amicíssimo do Brasil, especulador de dinheiros alheios e outros nomes mais.

GAINER

A mim chama especuladora? A mim? By God! Quem é a atrevido que me dá esta nome?

FELÍCIO

É preciso, na verdade, muita paciência. Dizerem que o senhor está rico com espertezas!

GAINER

Eu rica! Que calúnia! Eu rica? Eu está pobre com minhas projetos pra bem do Brasil.

FELÍCIO (*à parte*)

O bem do brasileiro é o estribilho destes malandros... (*Para Gainer*)
Pois não é isto que dizem. Muitos creem que o senhor tem um grosso capital no Banco de Londres; e além disto, chamam-lhe de velhaco.

GAINER (*desesperado*)

Velhaca, velhaca! Eu quero mete uma bala nos miolos deste patifa. Quem é estes que me chama velhaca?

FELÍCIO

Quem? Eu lho digo: ainda não há muito que o Negreiro assim disse.

GAINER

Negreira disse? Oh, que patifa de meia-cara... Vai ensina ele... Ele me paga. Goddam!

FELÍCIO

Se lhe dissesse tudo quanto ele tem dito...

GAINER

Não precisa dize; basta chama velhaca a mim pra eu mata ele. Oh, que patifa de meia-cara! Eu vai dize a comander do brigue Wizart que este patifa é meia-cara; pra segura nos navios dele. Velhaca! Velhaca! Goddam! Eu vai mata ele! Oh! (*Sai desesperado*)

CENA VIII

FELÍCIO (*só*)

Lá vai ele como um raio! Se encontra o Negreiro, temos salsada. Que furor mostrou por lhe dizer eu que o chamavam velhaco! Dei-lhe na balda! Vejamos no que dá tudo isto. Segui-lo-ei de longe até que se encontre com Negreiro; deve ser famoso o encontro. Ah, ah, ah!
(*Toma o chapéu e sai*)

CENA IX

Entra Cecília e Mariquinha.

MARIQUINHA (*entrando*)
É como eu te digo.

CECÍLIA
Tu não gostas nada dele?

MARIQUINHA
Aborreço-o.

CECÍLIA
Ora, deixa-te disso. Ele não é rico?

MARIQUINHA
Dizem que muito.

CECÍLIA
Pois então? Casa-te com ele, tola.

MARIQUINHA
Mas, Cecília, tu sabes que eu amo o meu primo.

CECÍLIA
E o que tem isso? Estou eu que amo a mais de um, e não perderia um tão bom casamento como o que agora tens. É tão belo ter um marido que nos dê carruagens, chácara, vestidos novos pra todos os bailes... Oh, que fortuna! Já ia sendo feliz uma ocasião. Um negociante, destes pé-de-boi, quis casar comigo, a ponto de escrever-

me uma carta, fazendo a promessa; porém logo que soube que eu não tinha dote como ele pensava, sumiu-se e nunca mais o vi.

MARIQUINHA

E nesse tempo amavas a alguém?

CECÍLIA

Oh, se amava! Não faço outra coisa todos os dias. Olha, amava ao filho de d^a. Joana, aquele tenente, amava aquele que passava sempre por lá, de casaca verde; amava...

MARIQUINHA

Com efeito! E amavas a todos?

CECÍLIA

Pois então?

MARIQUINHA

Tens belo coração de estalagem!

CECÍLIA

Ora, isto não é nada!

MARIQUINHA

Não é nada?

CECÍLIA

Não. Agora tenho mais namorados que nunca; tenho dois militares, um empregado do Tesouro, o cavalo rabão...

MARIQUINHA

Cavalo rabão?

CECÍLIA

Sim, um que anda num cavalo rabão.

MARIQUINHA

Ah!

CECÍLIA

Tenho mais outros dois que eu não conheço.

MARIQUINHA

Pois também namoras a quem não conheces?

CECÍLIA

Pra namorar não é preciso conhecer. Você quer ver a carta que um destes dois mandou-me mesmo quando estava me vestindo para sair?

MARIQUINHA

Sim, quero.

CECÍLIA (*procurando no seio a carta*)

Não tive tempo de deixá-la na gaveta; minha mãe estava no meu quarto. (*Abrindo a carta, que estava muito dobrada*) Foi o moleque que me entregou. Escute. (*Lendo*) “Minha adorada e crepitante estrela...” (*Deixando de ler*) Hein?

MARIQUINHA

Continua.

CECÍLIA (*lendo*)

“Os astros, que brilham nas chamejantes esferas de teus sedutores e atrativos olhos, ofuscaram em tão subido e sublimado ponto o meu amatório discernimento, que por ti me enlouqueceu. Sim, meu bem, um general quando vence uma batalha não é mais feliz do que eu! Se receberes os meus sinceros sofrimentos, serei ditoso; se não, ficarei louco e irei viver na Hircânia, no Japão, nos sertões de Minas, enfim, em toda parte aonde possa encontrar desumanas feras, e lá morrerei. Adeus deste que jura ser teu, apesar da negra e fria morte. O mesmo”. (*Deixando de ler*) Não está tão bem escrita? Que estilo! Que paixão, bem? Como estas, ou melhores ainda, tenho lá em casa muitas!

MARIQUINHA

Que te faça muito bom proveito, pois eu não tenho nem uma.

CECÍLIA

Ora veja só! Qual é a moça que não recebe sua cartinha? Sim, também não admira; vocês dois moram em casa.

MARIQUINHA

Mas diga-me, Cecília, para que tem você tantos namorados?

CECÍLIA

Para quê? Eu te digo; para duas coisas: primeira, para divertir-me; segunda, para ver se de tantos, algum cai.

MARIQUINHA

Mau cálculo. Quando se sabe que uma moça dá corda a todos, todos brincam, e todos...

CECÍLIA

Acaba.

MARIQUINHA

E todos a desprezam.

CECÍLIA

Desprezam! Pois não. Só se se é alguma tola e dá logo a perceber que tem muitos namorados. Cada um dos meus supõe-se único na minha afeição.

MARIQUINHA

Tens habilidade.

CECÍLIA

É tão bom estar-se à janela, vendo-os passar um atrás do outro como os soldados que passam em continência. Um aceno para um, uma

tossezinha para outro, um sorriso, um escárnio, e vão eles tão contentezinhos...

CENA X
Entra Felício.

FELÍCIO (*entrando*)
Perdi-o de vista.

CECÍLIA (*assustando-se*)
Ai, que susto me meteu o Sr. Felício!

FELÍCIO
Muito sinto que...

CECÍLIA
Não faz mal. (*Com ternura*) Se todos os meus sustos fossem como este, não se me dava de estar sempre assustada.

FELÍCIO
E eu não me daria de causar, não digo susto, mas surpresa a pessoas tão amáveis e belas como a senhora D. Cecília.

CECÍLIA
Não manguete comigo; ora veja!

MARIQUINHA (*à parte*)
Já ela está a namorar o primo. É insuportável. Primo?

FELÍCIO
Priminha?

MARIQUINHA
Aquilo?

FELÍCIO

Vai bem.

CECÍLIA
O que é?

MARIQUINHA
Uma coisa.

CENA XI

Entram Clemência, Eufrásia, João, Júlia, o menino, a preta com a criança e o moleque.

CLEMÊNCIA
Mostra que tem habilidade.

EUFRÁSIA
Assim é bom, pois o meu nem por isso. Quem também já vai adiantado é o Juca; ainda ontem o João comprou-lhe um livro de fábula.

CLEMÊNCIA
As mestras da Júlia estão muito contentes com ela. Está muito adiantada. Fala francês e daqui a dois dias não sabe mais falar português.

FELÍCIO (*à parte*)
Belo adiantamento!

CLEMÊNCIA
É muito bom colégio. Júlia, cumprimenta aqui o senhor em francês.

JÚLIA
Ora, mamã.

CLEMÊNCIA
Faça-se de tola!

JÚLIA

Bonjour, Monsieur, comment vous portez-vous? Je suis votre serviteur.

JOÃO

Oui. Está muito adiantada.

EUFRÁSIA

É verdade.

CLEMÊNCIA (*para Júlia*)

Como é mesa em francês?

JÚLIA

Table.

CLEMÊNCIA

Braço?

JÚLIA

Bras.

CLEMÊNCIA

Pescoço?

JÚLIA

Cou.

CLEMÊNCIA

Menina!

JÚLIA

É cou mesmo, mamã; não é primo? Não é cou que significa?

CLEMÊNCIA

Está bom, basta.

EUFRÁSIA

Estes franceses são muito porcos. Ora veja, chamar o pescoço, que está ao pé da cara, com este nome tão feio.

JOÃO (*para Eufrásia*)

Senhora, são horas de nos irmos.

CLEMÊNCIA

Já?

JOÃO DO AMARAL

É tarde.

EUFRÁSIA

Adeus, comadre, qualquer destes dias cá virei. D. Mariquinha, adeus. (*Dá um abraço e um beijo*)

MARIQUINHA

Passe bem. Cecília, até quando?

CECÍLIA

Até nos encontrarmos. Adeus. (*Dá abraço e muitos beijos*)

EUFRÁSIA (*para Clemência*)

Não se esqueça daquilo.

CLEMÊNCIA

Não.

JOÃO (*para Clemência*)

Comadre, boas noites.

CLEMÊNCIA

Boas noites, compadre.

EUFRÁSIA e CECÍLIA

Adeus, adeus! Até sempre.

(Os de casa acompanham-nos)

EUFRÁSIA *(parando no meio da casa)*

Mande o vestido pela Joana.

CLEMÊNCIA

Sim. Mas quer um só, ou todos os dois?

EUFRÁSIA

Basta um.

CLEMÊNCIA

Pois sim.

CECÍLIA *(para Mariquinha)*

Você também mande-me o molde das mangas. Mamã, não era melhor fazer o vestido de mangas justas?

EUFRÁSIA

Faze como quiseres.

JOÃO DO AMARAL

Deixem isto para outra ocasião e vamos, que é tarde.

EUFRÁSIA

Já vamos, já vamos. Adeus, minha gente, adeus.

(Beijos e abraços)

CECÍLIA *(para Mariquinha)*

O livro que te prometi mando amanhã.

MARIQUINHA

Sim.

CECÍLIA

Adeus. Boas noites, senhor Felício.

EUFRÁSIA (*parando quase junto da porta*)

Você sabe? Nenhuma das sementes pegou.

CLEMÊNCIA

É que não soube plantar.

EUFRÁSIA

Qual!

MARIQUINHA

Adeus, Lulu.

EUFRÁSIA

Não eram boas.

CLEMÊNCIA

Eu mesmo as colhi.

MARIQUINHA

Marotinho!

CECÍLIA

Se você ver D. Luísa, dê lembranças.

EUFRÁSIA

Mande outras.

MARIQUINHA

Mamã, olhe Lulu que está lhe estendendo os braços.

CLEMÊNCIA

Um beijinho.

CECÍLIA

Talvez possa vir amanhã.

CLEMÊNCIA

Eu mando outras, comadre.

JOÃO DO AMARAL

Então, vamos ou não vamos?

EUFRÁSIA

Você sabe? Nenhuma das sementes pegou.

(Falam todos ao mesmo tempo, com algazarra)

CLEMÊNCIA

Já vão, já vão.

EUFRÁSIA

Espere um bocadinho.

JOÃO *(para Felício)*

Não se pode aturar senhoras.

EUFRÁSIA

Adeus, comadre, o João quer-se ir embora. Talvez venham cá os Reis.

CECÍLIA

É verdade, e...

JOÃO DO AMARAL

Ainda não basta?

EUFRÁSIA

Que impertinência! Adeus, adeus!

CLEMÊNCIA e MARIQUINHA

Adeus, adeus!

EUFRÁSIA (*chega à porta e para*)

Quando quiser, mande a abóbora para fazer o doce.

CLEMÊNCIA

Pois sim, quando estiver madura lá mando, e...

JOÃO (*à parte*)

Ainda não vai desta, irra!

CECÍLIA (*para Mariquinha*)

Esqueci-me de te mostrar o meu chapéu.

CLEMÊNCIA

Não bota cravo.

CECÍLIA

Manda buscar?

EUFRÁSIA

Pois sim, tenho um receita.

MARIQUINHA

Não, teu pai está zangado.

CLEMÊNCIA

Com flor de laranja.

EUFRÁSIA

Sim.

JOÃO (*à parte, batendo com o pé*)

É de mais!

CECÍLIA

Mande para eu ver.

MARIQUINHA

Sim.

EUFRÁSIA

Que o açúcar seja bom.

CECÍLIA

E outras coisas novas.

CLEMÊNCIA

É muito bom.

EUFRÁSIA

Está bem, adeus. Não se esqueça.

CLEMÊNCIA

Não.

CECÍLIA

Enquanto a Vitorina está lá em casa.

MARIQUINHA

Conta bem.

CECÍLIA

Adeus, Júlia.

JÚLIA

Mande a boneca.

CECÍLIA

Sim.

JÚLIA

Lulu, adeus, bem, adeus!

MARIQUINHA

Não faça ele cair!

JÚLIA

Não.

JOÃO DO AMARAL

Eu vou saindo. Boas noites. (*À parte*) Irra, irra!

CLEMÊNCIA

Boas noites, sô João.

EUFRÁSIA

Anda, menina. Juca, vem.

TODOS

Adeus, adeus, adeus!

(Toda esta Cena deve ser como a outra, falada ao mesmo tempo)

JOÃO DO AMARAL

Enfim!

(Saem Eufrásia, Cecília, João, o menino e a preta; Clemência, Mariquinha ficam à porta; Felício acompanha as visitas)

CLEMÊNCIA (*da porta*)

Adeus!

EUFRÁSIA (*dentro*)

Toma sentido nos Reis pra me contar.

CLEMÊNCIA (*da porta*)

Hei de tomar bem sentido.

CECÍLIA (*de dentro*)

Adeus, bem! Mariquinha?

MARIQUINHA

Adeus!

CLEMÊNCIA (*da porta*)

Ó comadre, manda o Juca amanhã, que é domingo.

EUFRÁSIA (*dentro*)

Pode ser. Adeus.

CENA XII

Clemência, Mariquinha e Felício.

CLEMÊNCIA

Menina, são horas de mandar arranjar a mesa pra ceia dos Reis.

MARIQUINHA

Sim, mamã.

CLEMÊNCIA

Viste a Cecília como vinha? Não sei aquela comadre aonde quer ir parar. Tanto luxo e o marido ganha tão pouco! São milagres que estas gentes sabem fazer.

MARIQUINHA

Mas elas cosem pra fora.

CLEMÊNCIA

Ora, o que dá a costura? Não sei, não sei! Há coisas que se não podem explicar... Donde lhes vem o dinheiro não posso dizer. Elas que o digam. (*Entra Felício*) Felício, você também não acompanha os Reis?

FELÍCIO

Hei de acompanhar, minha tia.

CLEMÊNCIA

E ainda é cedo?

FELÍCIO (*tirando o relógio*)
Ainda; apenas são nove horas.

CLEMÊNCIA
Ah, meu tempo!

CENA XIII

Entra Negreiro acompanhado de um preto de ganho com um cesto à cabeça coberto com um cobertor de baeta encarnada.

NEGREIRO
Boas noites.

CLEMÊNCIA
Oh, pois voltou? O que traz com este preto?

NEGREIRO
Um presente que lhe ofereço.

CLEMÊNCIA
Vejamos o que é.

NEGREIRO
Uma insignificância... Arreia, pai!

(Negreiro ajuda ao preto a botar o cesto no chão. Clemência, Mariquinha chegam-se para junto do cesto, de modo porém que este fica à vista dos espectadores)

CLEMÊNCIA
Descubra. (*Negreiro descobre o cesto e dele levanta-se um moleque de tanga e carapuça encarnada, o qual fica em pé dentro do cesto*) Ó gentes!

MARIQUINHA (*ao mesmo tempo*)

Oh!

FELÍCIO (*ao mesmo tempo*)
Um meia-cara!

NEGREIRO
Então, hein? (*Para o moleque*) Quenda, quenda! (*Puxa o moleque para fora*)

CLEMÊNCIA
Como é bonitinho!

NEGREIRO
Ah, ah!

CLEMÊNCIA
Pra que o trouxe no cesto?

NEGREIRO
Por causa dos malsins...

CLEMÊNCIA
Boa lembrança. (*Examinando o moleque*) Está gordinho... bons dentes...

NEGREIRO (*à parte, para Clemência*)
É dos desembarcados ontem no Botafogo...

CLEMÊNCIA
Ah! Fico-lhe muito obrigada.

NEGREIRO (*para Mariquinha*)
Há de ser seu pajem.

MARIQUINHA
Não preciso de pajem.

CLEMÊNCIA

Então, Mariquinha?

NEGREIRO

Está bom, trar-lhe-ei uma mucamba.

CLEMÊNCIA

Tantos obséquios... Dá licença que o leve para dentro?

NEGREIRO

Pois não, é seu.

CLEMÊNCIA

Mariquinha, vem cá. Já volto. (*Sai Clemência, levando pela mão o moleque, e Mariquinha*)

CENA XIV

NEGREIRO (*para o preto de ganho*)

Toma lá. (*Dá-lhe dinheiro; o preto toma o dinheiro e fica algum tempo olhando para ele*) Então, acha pouco?

O NEGRO

Eh, eh, pouco... carga pesado...

NEGREIRO (*ameaçando*)

Salta já daqui, tratante! (*Empurra-o*) Pouco, pouco! Salta! (*Empurra-o pela porta afora*)

FELÍCIO (*à parte*)

Sim, empurra o pobre preto, que eu também te

empurrarei sobre alguém...

NEGREIRO (*voltando*)

Acha um vintém pouco!

FELÍCIO

Senhor Negreiro...

NEGREIRO

Meu caro senhor?

FELÍCIO

Tenho uma coisa que lhe comunicar, com a condição porém que o senhor se não há de alterar.

NEGREIRO

Vejamos.

FELÍCIO

A simpatia que pelo senhor sinto é que me faz falar...

NEGREIRO

Adiante, adiante...

FELÍCIO (*à parte*)

Espera, que eu te ensino, grosseirão. (*Para Negreiro*) O Sr. Gainer, que há pouco saiu, disse-me que ia ao juiz de paz denunciar os meias-caras que o senhor tem em casa e ao comandante do brigue inglês Wizart os seus navios que espera todos os dias.

NEGREIRO

Quê? Denunciar-me, aquele patife? Velhaco-mor! Denunciar-me? Oh, não que eu me importe com a denúncia ao juiz de paz; com este eu cá me entendo; mas é patifaria, desaforo!

FELÍCIO

Não sei por que tem ele tanta raiva do senhor.

NEGREIRO

Por quê? Porque eu digo em toda a parte que ele é um especulador velhaco e velhacão! Oh, inglês do diabo, se eu te pilho! Inglês de um dardo!

CENA XV

Entra Gainer apressado.

GAINER (*entrando*)

Darda tu, patifa!

NEGREIRO

Oh!

GAINER (*tirando apressado a casaca*)

Agora me paga!

FELÍCIO (*à parte, rindo-se*)

Temos touros!

NEGREIRO (*indo sobre Gainer*)

Espera, goddam dos quinhentos!

GAINER (*indo sobre Negreiro*)

Meia-cara!

(Gainer e Negreiro brigam aos socos. Gainer gritando continuamente: Meia-cara! Patifa! Goddam! – e Negreiro: Velhaco! Tratante! Felício ri-se, de modo porém que os dois não pressintam. Os dois caem no chão e rolam brigando sempre)

FELÍCIO (*à parte, vendo a briga*)

Bravo os campeões! Belo soco! Assim, inglesinho! Bravo o Negreiro! Lá caem... Como estão zangados!

CENA XVI

Entra Clemência e Mariquinha.

FELÍCIO (*vendo-as entrar*)

Senhores, acomodem-se! (*Procura apartá-los*)

CLEMÊNCIA

Então, o que é isto, senhores? Contendas em minha casa?

FELÍCIO

Senhor Negreiro, acomode-se!

(Os dois levantam-se e falam ao mesmo tempo)

NEGREIRO

Este *yes* do diabo...

GAINER

Negreira atrevida...

NEGREIRO

...teve a pouca-vergonha...

GAINER

...chama a mim...

NEGREIRO

...de denunciar-me...

GAINER

...velhaca...

FELÍCIO

Senhores!

CLEMÊNCIA

Pelo amor de Deus, sosseguem!

NEGREIRO (*animando-se*)
Ainda não estou em mim...

GAINER (*animando-se*)
Inglês não sofre...

NEGREIRO
Quase que o mato!

GAINER
Goddam! (*Quer ir contra Negreiro, Clemência e Felício apartam*)

CLEMÊNCIA
Senhor mister! Senhor Negreiro!

NEGREIRO
Se não fosse a senhora, havia de ensinar-te, *yes* do diabo!

CLEMÊNCIA
Basta, basta!

GAINER
Eu vai-se embora, não quer ver mais nas minhas olhos este homem.
(*Sai arrebatadamente vestindo a casaca*)

NEGREIRO (*para Clemência*)
Faz-me o favor. (*Leva-a para um lado*) A senhora sabe quais são minhas intenções nesta casa a respeito de sua filha, mas como creio que este maldito inglês tem as mesmas intenções...

CLEMÊNCIA
As mesmas intenções?

NEGREIRO
Sim senhora, pois julgo que pretende também casar com sua filha.

CLEMÊNCIA

Pois é da Mariquinha que ele gosta?

NEGREIRO

Pois não nota a sua assiduidade?

CLEMÊNCIA (*à parte*)

E eu que pensava que era por mim!

NEGREIRO

É tempo de decidir: ou eu ou ele.

CLEMÊNCIA

Ele casar-se com Mariquinha? É o que faltava!

NEGREIRO

É quanto pretendia saber. Conceda que vá mudar de roupa, e já volto para assentarmos o negócio. Eu volto. (*Sai*)

CLEMÊNCIA (*à parte*)

Era dela que ele gostava! E eu, então? (*Para Mariquinha*) O que estão vocês aí bisbilhotando? As filhas neste tempo não fazem caso das mães! Pra dentro, pra dentro!

MARIQUINHA (*espantada*)

Mas, mamã...

CLEMÊNCIA (*mais zangada*)

Ainda em cima respondona! Pra dentro!

(*Clemência empurra Mariquinha pra dentro, que vai chorando*)

FELÍCIO

Que diabo quer isto dizer? O que diria ele a minha tia para indispor-la deste modo contra a prima? O que será? Ela me dirá. (*Sai atrás de Clemência*)

CENA XVII

Entra Negreiro na ocasião que Felício sai.

NEGREIRO

Psiu! Não ouviu-me... Esperarei. Quero que me dê informações mais miúdas a respeito da denúncia que o tal patife deu ao cruzeiro inglês dos navios que espero. Isto... Não, que os tais meninos andam com o olho vivo pelo que bem o sei eu, e todos, em suma. Seria bem bom que eu pudesse arranjar este casamento o mais breve possível. Lá com a moça, em suma, não me importa; o que eu quero é o dote. Faz-me certo arranjo... E o inglês também queria, como tolo! Já ando meio desconfiado... Alguém vem! Se eu me escondesse, talvez pudesse ouvir... Dizem que é feio... Que importa? Primeiro o meu dinheiro, em suma. (*Esconde-se por trás da cortina da primeira janela*)

CENA XVIII

Entra Clemência.

CLEMÊNCIA

É preciso que isto se decida. Ó lá de dentro! José?

UMA VOZ (*dentro*)

Senhora!

CLEMÊNCIA

Vem cá. A quanto estão as mulheres sujeitas! (*Entra um pajem. Clemência, dando-lhe uma carta*) Vai à casa do Sr. Gainer, aquele inglês, e entrega-lhe esta carta.

(*Sai o pajem. Negreiro, durante toda esta Cena e a seguinte, observa, espiando*)

NEGREIRO (*à parte*)

Uma carta para o inglês!

CLEMÊNCIA (*passeando*)

Ou com ele, ou com nenhum mais.

NEGREIRO

Ah, o caso é este!

CLEMÊNCIA (*no mesmo*)

Estou bem certa que ele fará a felicidade de uma mulher.

NEGREIRO (*à parte*)

Muito bom, muito bom!

CLEMÊNCIA (*no mesmo*)

O mau foi ele brigar com o Negreiro.

NEGREIRO (*à parte*)

E o pior é não lhe quebrar eu a cara...

CLEMÊNCIA

Mas não devo hesitar: se for necessário, fecharei minha porta ao Negreiro.

NEGREIRO

Muito obrigado.

CLEMÊNCIA

Ele se há de zangar.

NEGREIRO

Pudera não! E depois de dar um moleque que podia vender por duzentos mil-réis...

CLEMÊNCIA (*no mesmo*)

Mas que importa? É preciso pôr meus negócios em ordem, e só ele é capaz de os arranjar depois de se casar comigo.

NEGREIRO (*à parte*)

Hein? Como é lá isso? Ah!

CLEMÊNCIA

Há dois anos que meu marido foi morto no Rio Grande pelos rebeldes, indo lá liquidar umas contas. Deus tenha sua alma em glória; tem-me feito uma falta que só eu sei. É preciso casar-me; ainda estou moça. Todas as vezes que me lembro do defunto vêm-me as lágrimas aos olhos... Mas se ele não quiser?

NEGREIRO (*à parte*)

Se o defunto não quiser?

CLEMÊNCIA

Mas não, a fortuna que tenho e mesmo alguns atrativos que possuo, seja dito sem vaidade, podem vencer maiores impossíveis. Meu pobre defunto marido! (*Chora*) Vou fazer a minha toilette. (*Sai*)

CENA XIX

Negreiro sai da janela.

NEGREIRO

E então? Que tal a viúva? (*Arremedando a voz de Clemência*) Meu pobre defunto marido... Vou fazer minha toilette. Não é má! Chora por um e enfeita-se para outro. Estas viúvas! Bem diz o ditado que viúva rica por um olho chora, e por outro repica. Vem gente... Será o inglês? (*Esconde-se*)

CENA XX

Entra Alberto vagaroso e pensativo; olha ao redor de si, examinando tudo com atenção. Virá vestido pobremente, mas com decência. Negreiro, que da janela espiando o observa, mostra-se aterrado durante toda a seguinte Cena.

ALBERTO

Eis-me depois de dois anos de privações e miséria restituído ao seio de minha família!

NEGREIRO (*à parte*)

O defunto!

ALBERTO

Minha mulher e minha filha ainda se lembrarão de mim? Serão elas felizes, ou como eu experimentarão os rigores do infortúnio? Há apenas duas horas que desembarquei, chegando dessa malfadada província aonde dois anos estive prisioneiro. Lá os rebeldes me detiveram, porque julgavam que eu era um espião; minhas cartas para minha família foram interceptadas e minha mulher talvez me julgue morto... Dois anos, que mudanças terão trazido consigo? Cruel ansiedade! Nada indaguei, quis tudo ver com meus próprios olhos... É esta a minha casa, mas estes móveis não conheço... Mais ricos e suntuosos são do que aqueles que deixei. Oh, terá também minha mulher mudado? Sinto passos... Ocultemo-nos... Sinto-me ansioso de temor e alegria... meu Deus! (*Encaminha-se para a janela aonde está escondido Negreiro*)

NEGREIRO (*à parte*)

Oh, diabo! Ei-lo comigo!

(*Alberto querendo esconder-se na janela, dá com Negreiro e recua espantado*)

ALBERTO

Um homem! Um homem escondido em minha casa!

NEGREIRO (*saindo da janela*)

Senhor!

ALBERTO

Quem és tu? Responde! (*Agarra-o*)

NEGREIRO

Eu? Pois não me conhece, Sr. Alberto? Sou Negreiro, seu amigo... Não me conhece?

ALBERTO

Negreiro... sim... Mas meu amigo, e escondido em casa de minha mulher!

NEGREIRO

Sim senhor, sim senhor, por ser seu amigo é que estava escondido em casa de sua mulher.

ALBERTO (*agarrando Negreiro pelo pescoço*)

Infame!

NEGREIRO

Não me afogue! Olhe que eu grito!

ALBERTO

Dize, por que te escondias?

NEGREIRO

Já lhe disse que por ser seu verdadeiro amigo... Não aperte que não posso, e então também dou como um cego, em suma.

ALBERTO (*deixando-o*)

Desculpa-te se podes, ou treme...

NEGREIRO

Agora sim... Vá ouvindo. (*À parte*) Assim safo-me da arriosca e vingo-me, em suma, do inglesinho. (*Para Alberto*) Sua mulher é uma traidora!

ALBERTO

Traidora?

NEGREIRO

Traidora, sim, pois não tendo certeza de sua morte, tratava já de casar-se.

ALBERTO

Ela casar-se? Tu mentes! (*Agarra-o com força*)

NEGREIRO

Olhe que perco a paciência... Que diabo! Por ser seu amigo e vigiar sua mulher agarra-me deste modo? Tenha propósito, ou eu... Cuida que é mentira? Pois esconda-se um instante comigo e verá. (*Alberto esconde o rosto nas mãos e fica pensativo. Negreiro, à parte*) Não está má a ressurreição! Que surpresa para a mulher! Ah, inglesinho, agora me pagarás!

ALBERTO (*tomando-o pelo braço*)

Vinde... Tremei porém, se sois um caluniador. Vinde!

(*Escondem-se ambos na janela e observam durante toda a seguinte Cena*)

NEGREIRO (*da janela*)

A tempo nos escondemos, que alguém se aproxima!

CENA XXI

Entra Felício e Mariquinha.

FELÍCIO

É preciso que te resolves o quanto antes.

ALBERTO (*da janela*)

Minha filha!

MARIQUINHA

Mas...

FELÍCIO

Que irresolução é a tua? A desavença entre os dois fará que a tia apresse o teu casamento – com qual deles não sei. O certo é que de um estamos livres; resta-nos outro. Só com coragem e resolução nos podemos tirar deste passo. O que disse o Negreiro à tua mãe não sei,

porém, o que quer que seja, a tem perturbado muito, e meu plano vai-se desarranjando.

MARIQUINHA

Oh, é verdade, a mamãe tem ralhado tanto comigo depois desse momento, e me tem dito mil vezes que eu serei a causa da sua morte...

FELÍCIO

Se tivesses coragem de dizer a tua mãe que nunca te casarás com o Gainer ou com o Negreiro...

NEGREIRO (*da janela*)

Obrigado!

MARIQUINHA

Jamais o ousarei!

FELÍCIO

Pois bem, se o não ousas dizer, fuja.

MARIQUINHA

Oh, não, não!

CLEMÊNCIA (*dentro*)

Mariquinha?

MARIQUINHA

Adeus! Nunca pensei que você me fizesse semelhante proposição!

FELÍCIO (*segurando-a pela mão*)

Perdoa, perdoa ao meu amor! Estás mal comigo? Pois bem, já não falarei em fugida, em planos, em entregas; apareça só a força e coragem. Aquele que sobre ti lançar vistas de amor ou de cobiça comigo se haverá. Que me importa a vida sem ti? E um homem que despreza a vida...

MARIQUINHA (*suplicante*)

Felício!

CLEMÊNCIA (*dentro*)

Mariquinha?

MARIQUINHA

Senhora? Eu te rogo, não me faças mais desgraçada!

CLEMÊNCIA (*dentro*)

Mariquinha, não ouves?

MARIQUINHA

Já vou, minha mãe. Não é verdade que estavas brincando?

FELÍCIO

Sim, sim, estava; vai descansada.

MARIQUINHA

Eu creio em tua palavra. (*Sai apressada*)

CENA XXII

FELÍCIO (*só*)

Crê na minha palavra, porque eu disse que serás minha. Com aquele dos dois que te ficar pertencendo irei ter, e será teu esposo aquele que a morte poupar. São dez horas, os amigos me esperam. Amanhã se decidirá minha sorte. (*Toma o chapéu que está sobre a mesa e sai*)

CENA XXIII

Alberto e Negreiro, sempre na janela.

ALBERTO

Oh, minha ausência, minha ausência!

NEGREIRO

A mim não me matarás! Safa, em suma.

ALBERTO

A que cenas vim eu assistir em minha casa!

NEGREIRO

E que direi eu? Que tal o menino?

ALBERTO

Clemência, Clemência, assim conservavas tu a honra da nossa família? Mas o senhor pretendia casar-se com minha filha?

NEGREIRO

Sim senhor, e creio que não sou um mau partido; porém já desisto, em suma, e... Caluda, caluda!

CENA XXIV

Entra Clemência muito bem vestida.

ALBERTO *(na janela)*

Minha mulher Clemência!

NEGREIRO *(na janela)*

Fique quieto.

CLEMÊNCIA *(assentando-se)*

Ai, já tarda... Este vestido me vai bem... Estou com meus receios... Tenho a cabeça ardendo de alguns cabelos brancos que arranquei... Não sei o que sinto; tenho assim umas lembranças de meu defunto... É verdade que já estava velho.

NEGREIRO *(na janela)*

Olhe, chama-o de defunto e velho!

CLEMÊNCIA

Sobem as escadas! (*Levanta-se*)

NEGREIRO

Que petisco para o marido! E casai-vos!

CLEMÊNCIA

É ele!

CENA XXV

Entra Gainer.

GAINER (*entrando*)Dá licença? Sua criado... Muito obrigada.

NEGREIRO (*na janela*)

Não há de quê.

CLEMÊNCIA (*confusa*)

O senhor... eu supunha... porém... eu... Não quer se assentar?
(*Assentam-se*)

GAINER

Eu recebo uma carta para vir trata de uma negócia.

CLEMÊNCIA

Fiada em sua bondade...

GAINER

Oh, meu bondade... obrigada.

CLEMÊNCIA

O Sr. Mister bem sabe que... (*À parte*) Não sei o que lhe diga.

GAINER

O que é que eu sabe?

CLEMÊNCIA

Talvez que não ignore que pela sentida morte de meu defunto...
(*Finge que chora*) fiquei senhora de uma boa fortuna.

GAINER

Boa fortuna é bom.

CLEMÊNCIA

Logo que estive certa de sua morte, fiz inventário, porque me ficavam duas filhas menores; assim me aconselhou um doutor de S. Paulo. Continuei por minha conta com o negócio do defunto; porém o senhor mister bem sabe que numa casa sem homem tudo vai para trás. Os caixeiros mangam, os corretores roubam; enfim, se isto durar mais tempo, dou-me por quebrada.

GAINER

Este é mau, quebrada é mau.

CLEMÊNCIA

Se eu tivesse porém uma pessoa hábil e diligente que se pusesse à testa de minha casa, estou bem certa que ela tomaria outro rumo.

GAINER

It is true.

CLEMÊNCIA

Eu podia, como muitas pessoas me têm aconselhado, tomar um administrador, mas temo muito dar esse passo; o mundo havia ter logo que dizer, e minha reputação antes de tudo.

GAINER

Reputation, yes.

CLEMÊNCIA

E além disso tenho uma filha já mulher. Assim, o único remédio que me resta é casar.

GAINER

Oh, yes! Casar miss Mariquinha, depois tem uma genra para toma conta na casa.

CLEMÊNCIA

Não é isto o que eu lhe digo!

GAINER

Então mi não entende português.

CLEMÊNCIA

Assim me parece. Digo que é preciso que eu, eu me case.

GAINER (*levantando-se*)

Oh, by God! By God!

CLEMÊNCIA (*levantando-se*)

De que se espanta? Estou eu tão velha, que não possa casar?

GAINER

Mi não diz isto... Eu pensa na home que será sua marido.

CLEMÊNCIA (*à parte*)

Bom... (*Para Gainer*) A única coisa que me embaraça é a escolha. Eu... (*À parte*) Não sei como dizer-lhe... (*Para Gainer*) As boas qualidades... (*Gainer, que já entendeu a intenção de Clemência, esfrega, à parte, as mãos de contente. Clemência, continuando*) Há muito que o conheço, e eu... sim... não se pode... o estado deve ser considerado, e... ora... Por que hei de eu ter vergonha de o dizer?... Sr. Gainer, eu o tenho escolhido para meu marido; se o há de ser de minha filha, seja meu...

GAINER

Mim aceita, mim aceita!

CENA XXVI

Alberto sai da janela com Negreiro e agarra Gainer pela garganta.

CLEMÊNCIA

O defunto, o defunto!

(Vai cair desmaiada no sofá, afastando as cadeiras que acha no caminho)

GAINER

Goddam! Assassina!

ALBERTO *(lutando)*

Tu é que me assassinias!

GAINER

Ladrão!

NEGREIRO

Toma lá, inglesinho! *(Dá-lhe por trás)*

ALBERTO *(lutando)*

Tu e aquele infame...

CENA XXVII

Entra Mariquinha e Júlia.

MARIQUINHA

O que é isto? Meu pai! Minha mãe! *(Corre para junto de Clemência)*
Minha mãe!

(Alberto é ajudado por Negreiro, que trança a perna em Gainer e lança-o no chão. Negreiro fica a cavalo em Gainer, dando e descompondo. Alberto vai para Clemência)

ALBERTO

Mulher infiel! Em dois anos de tudo te esqueceste! Ainda não tinhas certeza de minha morte e já te entregavas a outrem? Adeus, e nunca mais te verei.

(Quer sair, Mariquinha lança-se a seus pés)

MARIQUINHA

Meu pai, meu pai!

ALBERTO

Deixa-me, deixa-me! Adeus!

(Vai sair arrebatadamente; Clemência levanta a cabeça e implora a Alberto, que ao chegar à porta encontra-se com Felício. Negreiro e Gainer neste tempo levantam-se)

FELÍCIO

Que vejo? Meu tio! Sois vós?

(Travando-o pelo braço, o conduz para a frente do teatro)

ALBERTO

Sim, é teu tio, que veio encontrar sua casa perdida e sua mulher infiel!

GAINER

Seu mulher! Tudo está perdida!

ALBERTO

Fujamos desta casa! *(Vai a sair apressado)*

FELÍCIO *(indo atrás)*

Senhor! Meu tio!

(Quando Alberto chega à porta, ouve-se cantar dentro)

UMA LÁ VOZ DENTRO *(cantando)*

O de casa, nobre gente,

Escutai e ouvireis,

Que da parte do Oriente

São chegados os três Reis.

ALBERTO (*para à porta*)

Oh!

(*Continuam a representar enquanto dentro cantam*)

FELÍCIO (*segurando-o*)

Assim quereis abandonar-nos, meu tio?

MARIQUINHA (*indo para Alberto*)

Meu pai!...

FELÍCIO (*conduzindo-o para a frente*)

Que será de vossa mulher e de vossas filhas? Abandonadas por vós, todos as desprezarão... Que horrível futuro para vossas inocentes filhas! Esta gente que não tarda a entrar espalhará por toda a cidade a notícia do seu desamparo.

MARIQUINHA

Assim nos desprezais?

JÚLIA (*abrindo os braços como para abraçá-lo*)

Papá, papá!

FELÍCIO

Vede-as, vede-as!

ALBERTO (*comovido*)

Minhas filhas! (*Abraça-as com transporte*)

GAINER

Mim perde muito com este... E vai embora!

NEGREIRO

Aonde vai?

(Quer segurá-lo; Gainer dá-lhe um soco que o lança no chão, deixando a aba da casaca na mão de Negreiro. Clemência, vendo Alberto abraçar as filhas, levanta-se e caminha para ele)

CLEMÊNCIA *(humilde)*

Alberto!

ALBERTO

Mulher, agradece às tuas filhas... estás perdoada... Longe de minha vista este infame. Onde está ele?

NEGREIRO

Foi-se, mas, em suma, deixou penhor.

ALBERTO

Que nunca mais me apareça! *(Para Mariquinha e Felício)* Tudo ouvi junto com aquele senhor, *(aponta para Negreiro)* e vossa honra exige que de hoje a oito dias estejais casados.

FELÍCIO

Feliz de mim!

NEGREIRO

Em suma, fiquei mamado e sem o dote...

CENA XXVIII

Entram dois moços vestidos de jaqueta e calças brancas.

UM DOS MOÇOS

Em nome de meus companheiros pedimos à senhora dona Clemência a permissão de cantarmos os Reis em sua casa.

CLEMÊNCIA

Pois não, com muito gosto.

O MOÇO

A comissão agradece.

(Saem os dois)

FELÍCIO *(para Alberto)*

Morro de impaciência por saber como pôde meu tio escapar das mãos dos rebeldes para nos fazer tão felizes.

ALBERTO

Satisfarei com vagar a tua impaciência.

CENA XXIX

Entram os moços e moças que vêm cantar os Reis; alguns deles, tocando diferentes instrumentos, precedem o rancho. Cumprimentam quando entram.

O MOÇO

Vamos a esta, rapaziada!

UM MOÇO e UMA MOÇA *(cantando,)*

SOLO

No céu brilhava uma estrela,
Que a três Magos conduzia
Para o berço onde nascera
Nosso Conforto e Alegria.

CORO

Ó de casa, nobre gente,
Acordai e ouvireis,
Que da parte do Oriente
São chegados os três Reis.

(Ritornelo)

SOLO

Puros votos de amizade,
Boas-festas e bons Reis
Em nome do Rei nascido
Vos pedimos que aceiteis.

CORO

Ó de casa, nobre gente,
Acordai e ouvireis,
Que da parte do Oriente
São chegados os três Reis.

TODOS DA CASA

Muito bem!

CLEMÊNCIA

Felício, convida às senhoras e senhores para tomarem algum
refresco.

FELÍCIO

Queiram ter a bondade de entrar, que muito nos obsequiarão.

OS DO RANCHO

Pois não, pois não! Com muito gosto.

CLEMÊNCIA

Queiram entrar.

*(Clemência e os da casa caminham para dentro e o rancho os segue tocando
uma alegre marcha, e desce o pano)*



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com